

Palestra do Guia Pathwork® nº 217

Palestra não editada

9 de janeiro de 1974

O FENÔMENO DA CONSCIÊNCIA

Saudações, meus queridos amigos. Amor, verdade e bênçãos se derramam profusamente sobre vocês. Abram seus canais mais íntimos e deixem que eles fluam de vocês e para vocês. Nesta palestra eu gostaria de tratar do fenômeno da consciência, que é extremamente difícil de explicar para a mente humana – para o estado humano de consciência. Pois o estado humano de consciência ainda é extremamente limitado. Portanto, vou tentar dar a vocês mais entendimento, para que essa limitação possa diminuir e vocês possam elevar sua percepção.

A consciência permeia todo o ser, toda a criação, toda a existência – tudo que existe. No seu reino dualista, vocês falam de consciência e energia como se fossem dois fenômenos separados. Está errado. A consciência é a criadora da energia, e a energia necessariamente contém consciência – vários aspectos de consciência, talvez “variações”, e também graus de consciência. Não existe nenhuma energia física, biológica, elétrica ou atômica que possa ser nem de perto tão potente quanto a energia da consciência direta. Com isso quero me referir à energia do pensamento, do sentimento, da intenção, da atitude, da crença.

Todo pensamento é energia. Vocês sentem essa energia como sentimento. Não pode haver um pensamento, nem o pensamento mais mecânico, amortecido, estéril, desligado que também não contenha sentimento. O pensamento puro, abstrato pode parecer totalmente divorciado do sentimento. Não é assim. De fato, quanto mais abstrato e puro for o pensamento, mais o sentimento é proporcional a ele. Vocês também precisam diferenciar entre pensamento desligado e pensamento abstrato. Não confundam os dois. O primeiro é uma defesa contra os sentimentos e os aspectos indesejados do eu. O segundo é o resultado de um estado espiritual altamente integrado. Mas mesmo o primeiro jamais pode ser divorciado do sentimento – ou seja, do conteúdo de energia. O sentimento correspondente pode ser medo, apreensão, ansiedade em relação à complexidade do que o eu suspeita existir e deseja evitar e, concomitantemente a isso, ódio de si mesmo e diversos outros sentimentos, que vocês conhecem bem.

O pensamento abstrato contém, como corrente de energia subjacente, um sentimento de imensa paz, de um entendimento intrínseco da lei universal que fatalmente leva à alegria e ao contentamento. Um pensamento puramente abstrato criaria esse tipo de experiência energética ou de sentimento. Quanto mais subjetivo é o pensamento, mais ele se torna matizado de negatividade. O pensamento subjetivo é aquele criado a partir do desejo pessoal e do medo pessoal, a partir de um estado de egoísmo e separação – “eu contra os outros”. Portanto, jamais está na verdade.

Vamos examinar, por exemplo, o desejo. No reino da dualidade, como tudo o mais, o desejo cumpre um duplo papel. O desejo, do ponto de vista espiritual, pode ser “indesejável” (para usar um paradoxo). Pois desejo demais, desejo intenso, desejo subjetivo – desejo que nasce do ego e suas distorções – afasta o homem do núcleo do seu ser. Esse desejo muitas vezes contém orgulho, vontade

própria, medo, falta de confiança no universo. Ele cria um sistema de energia tensa e contraída e impede o fluxo da força vital. É por isso que muitos ensinamentos espirituais defendem um estado de ausência de desejo como pré-requisito necessário para a ligação com o eu divino. É um estado a ser acalentado para a realização do eu espiritual.

Ao mesmo tempo, é igualmente verdadeiro que, se não houver desejo, não poderá haver expansão. Não poderá haver incursões em novos terrenos, em novas percepções e estados de consciência. Não poderá haver desenvolvimento nem purificação. Pois o que motivaria uma pessoa a reunir a coragem, a perseverança e a firmeza necessárias para tatear o caminho que leva para fora da escuridão e do sofrimento? Somente o desejo faz isso. Esse tipo de desejo contém fé (na possibilidade de atingir um estado melhor), coragem, paciência, compromisso, etc. Aqui vocês têm um exemplo típico de confusão dualista – confusão que surge apenas quando o homem diz que é certo ou errado ter desejo, dependendo do aspecto que ele perceber. O estado doloroso, confuso e limitado de consciência dualista somente pode ser transcendido quando vocês enxergam além do “ou isso ou aquilo” e vêem as possibilidades verdadeiras e distorcidas dos dois aparentes opostos. No momento em que vocês enxergam isso, os opostos deixam de existir. Vocês passam para um estado mais profundo e mais amplo de consciência, no qual sua compreensão vai além do estado dualista limitado. Isso se aplica a muitas, muitas manifestações da vida de vocês. Raramente, se acontecer, algo é em si mesmo bom ou mau. Depende de como se manifesta, quais são as verdadeiras motivações que estão por trás. O desejo precisa existir no coração humano para superar os obstáculos, as tentações do auto-engano que bloqueiam o caminho para o conhecimento abstrato do universo. Isso não quer dizer, repito, abstração no sentido de pensamento mecânico, amortecido, alienado, superficial, sem sentimentos ou defensivo.

Como pode o conhecimento, o saber – que é consciência – ser isento de sentimentos? Até o conhecimento sem sentimentos, o que vocês nesta era chamam de “conhecimento intelectual”, tem necessariamente um teor de sentimento. Ele desencadeia algumas reações em cadeia. E mesmo que esse conhecimento seja fragmentado e usado com o intuito de se afastar do aspecto de energia ou sentimento da vida, mesmo assim ele contém sentimento, como mencionei anteriormente, mesmo que esses sentimentos talvez não sejam reconhecidos. Portanto, a consciência é sempre um sentimento, uma manifestação de energia, quer ou não vocês estejam cientes disso. O pensamento mais mecânico, mais fragmentado, mais separado origina uma série de reações em cadeia de energia em todo o sistema psíquico do homem. O poder de escolher que pensamento pensar deriva, em si mesmo, de fortes movimentos energéticos e resulta em afeto. Portanto, a consciência está necessariamente unida à energia.

No estado humano médio, à primeira vista isso não parece ser verdadeiro. No entanto, ao se aprofundarem, inevitavelmente vocês verão, refletindo até as últimas consequências, que todo e qualquer conhecimento que vocês possuem tem um teor definido de sentimento. Como eu disse – e repetido propositadamente, pois nunca é demais enfatizar nesse contexto – o conhecimento seco, separado, sempre contém sentimentos. O sentimento que está por trás pode ser o medo. O estado energético mais superficial pode ser tédio. O tédio também é um estado energético, apesar de ser negativo – no sentido de que a ausência de algo não significa que o que está ausente não está intrínseca e essencialmente presente. Está apenas temporariamente ausente. Vamos supor que exploramos o estado de tédio mais profundamente nos recessos da substância da alma. Vocês vão descobrir que existe sempre medo em algum lugar: medo de saber tudo o que puderem sobre si mesmos e sobre seu relacionamento com o universo.

Esse relacionamento entre vocês e o universo se torna cada vez mais evidente à medida que vocês descobrem a si mesmos, ficam mais honestos consigo mesmos, deixam de representar. Os estados de consciência podem ser divididos, em termos gerais, nos três grupos a seguir.

(1) O primeiro, e o menos desenvolvido, é o estado de sonolência, em que o ser não sabe que existe. Não tem autoconsciência. Pode sentir, movimentar-se e crescer e, até certo ponto, pensar – mas abaixo do limiar da autoconsciência, como um mineral ou uma planta. Os organismos abaixo do estado de autoconsciência têm, no entanto, padrões de criação intrínsecos, autocriação que aquele organismo específico segue de uma maneira profundamente significativa e propositada, sempre compatível com as leis que se aplicam a ele. Esses estados são estados de consciência, mas não estados de autoconsciência. Tomem por exemplo a vida de uma planta: ele segue um plano intrínseco. Apenas sua consciência, agora adormecida, poderia criar aquele plano, poderia criar essa marca com todos os seus ciclos legítimos nos quais o organismo vive, se expande, morre, se reincorpora, dá nascimento a si mesmo, expressa a si mesmo, e prossegue nesse mesmo ciclo. Isso requer um plano enormemente inteligente que somente a consciência poderia engendrar. Algo assim não pode acontecer “por si mesmo”, não pode ser um processo morto, desligado.

O aparente desligamento da matéria inanimada é apenas consciência temporariamente congelada, como expliquei em uma palestra recente sobre os processos da criação e os pontos nucleares psíquicos. Quando a consciência cria em uma determinada direção, a centelha da vida diminui cada vez mais até a corrente energética se petrificar. Ela se condensa em uma crosta tão grossa que a energia que está por trás é invisível – não perceptível para o olho humano. No entanto, seres cujo estado ampliado de consciência os capacita a perceber mais do que a superfície podem observar com muita clareza o aspecto energético altamente potente na matéria inanimada que não tem consciência manifesta. Mas esses seres também podem perceber o teor de consciência dentro dessa energia potente, a consciência contida no material exteriormente “morto”.

O que “diz” essa consciência quando está dormente? Ela pode dizer “não quero saber; não quero me conhecer – eu em relação ao mundo que me cerca.” Essa afirmação é um núcleo criativo – uma afirmação feita pela consciência, por escolha e disposição propositadas. Essa afirmação traz à tona uma cadeia inexorável de acontecimentos que levam gradual mas firmemente ao estado vagaroso e condensado que finalmente se torna uma “crosta”, endurecida e aparentemente morta. Isso é o que compõe a matéria. A sequência de acontecimentos que leva ao estado de matéria endurecida e inanimada deriva de uma afirmação negativa, que nega a vida e nega a verdade. Contudo, uma vez colocado em marcha o processo de endurecimento, a própria matéria pode ser usada pela consciência para fins de afirmação da vida e propósitos positivos. A consciência livre, assim, pode “comunicar-se” com a substância vital e a consciência da matéria endurecida.

Faço essa explicação muito sucinta para que vocês possam ter uma idéia do fato de que a consciência existe até nos objetos inanimados. Os cientistas da atualidade já averiguaram que existe energia na matéria, portanto essa parte não é novidade para vocês. Mas vocês precisam saber que o mesmo se aplica à consciência.

A consciência dos objetos inanimados pode ser atingida pela consciência muito mais forte e ativa da mente humana – embora em um grau menor do que ocorre com a consciência das plantas, animais ou outros seres humanos. A matéria ainda é maleável e pode ser marcada pela consciência

humana. Como ela é capaz de inventar e criar, ela pode moldar, talhar e formar a partir das substâncias da matéria. Como exemplo, a necessidade de uma peça de mobiliário, de um prato, de um copo, de uma jóia, ou qualquer objeto inanimado – essa necessidade, esse desejo de criar esses objetos molda a energia e a consciência contida de modo que até o aspecto mais desligado da consciência, como a matéria inanimada, recebe as marcas de uma consciência direcionadora, mais forte e mais ligada, e se funde com ela de algumas maneiras definitivas. Assim se cria um objeto.

Todo objeto que vocês usam, do qual desfrutam ou precisam cumprir essa tarefa. Seu núcleo mais íntimo de consciência, que sempre busca expressão na direção do divino, do serviço, da verdade, do amor, na direção de ser, mesmo nesse estado separado e amortecido, “responde” à criação da mente e, desta forma, cumpre uma finalidade no grande plano da evolução. Portanto, até a matéria totalmente morta não está de fato morta. Seres espirituais que possuem em grau mais elevado as faculdades divinas inatas e não estão presos à manifestação puramente exterior, como estão os seres humanos, conseguem perceber a forma da energia e a expressão da consciência dos objetos mais inanimados. O objeto inanimado também contém um campo energético, que é sua antena, sua estação receptora, e assim ele se torna necessariamente um reator. Seu conteúdo de consciência ainda é limitado demais para ser mais que um reator. Ele não pode ainda ser um iniciador e um criador, como é o estado humano. Mas, sem dúvida, é um reator.

Vocês podem, muitas vezes, achar que têm uma determinada relação com objetos. Existem alguns objetos que vocês valorizam, vocês precisam deles e desfrutam deles. Vocês gostam deles. Eles funcionam bem para vocês. Talvez vocês achem que gostam deles porque funcionam bem, prestam um bom serviço, trazem beleza ou alegria. Mas trata-se de um desses círculos benignos que é difícil dizer quem colocou em movimento. Com outros objetos, pode acontecer o contrário. Eles nunca funcionam direito. Vocês os detestam, ficam aborrecidos com eles, e eles reagem. Tomem, por exemplo, um carro ou uma máquina que vocês usam, como uma vitrola, ou outra coisa. Vocês adoram essa máquina. Podem até usá-la de alguma forma para o seu crescimento espiritual, portanto um objeto puramente utilitário na realidade não é tão utilitário. Vocês cuidam dele. O valor que vocês dão à máquina faz com que ela responda, mesmo com seu núcleo interior extremamente limitado e pequeno de consciência, que está voltado justamente para responder e reagir, para ser marcado e moldado. Seu campo de energia será afetado.

A separação da consciência que vocês sentem é uma questão muito discutível. Quando falamos do fato de que todo o universo é permeado de consciência, trata-se de uma verdade. Organismos, objetos e entidades separadas são separados apenas no plano superficial. Mas além da superfície, existe uma interação constante.

Comecei a falar sobre os três estágios da consciência. Discorri longamente sobre o primeiro estado: consciência sem autoconsciência. Os animais, as plantas, os minerais e a matéria inanimada se enquadram nessa categoria. Eu queria mostrar que nada existe que não contenha consciência. Naturalmente, é muito mais fácil ver isso nos animais, nas plantas e até nos minerais, que têm seus processos de crescimento e mudança, embora muito mais vagarosos do que os de outras categorias.

(2) O segundo estado é o da autoconsciência, que começa no nível humano. O que significa realmente autoconsciência? Significa o conhecimento de “eu sou”, “eu existo”, “eu penso”, “eu posso tomar uma decisão”, “minhas decisões causam um efeito”, “meus pensamentos causam um efeito”, “meus sentimentos atingem outros seres”. Esse é, em linhas gerais, o segundo estado. Neste

estado, começa a responsabilidade por si mesmo. A consciência de ter um efeito no mundo à volta do eu resulta necessariamente em responsabilidade e na seriedade ao escolher os pensamentos, atitudes, ações, respostas, etc. Este estado de consciência, em virtude da maior percepção, também descobre muitas alternativas novas, que estão ausentes no estado cego e mais limitado. O estado de consciência abaixo do limiar de autopercepção não pode fazer escolhas. Ele obedece cegamente a um padrão intrínseco, implantado em sua substância. O estado humano é capaz de recriar o plano e o padrão e de lançar mão cada vez mais de possibilidades mais amplas e em maior número de auto-expressão, compatíveis com seu crescimento.

É muito evidente, naturalmente, que no estado humano de consciência, de autopercepção, existem muitos, muitos graus e variações. Existem seres humanos que ainda não estão cientes de si mesmos, de seu poder de criar, mudar, afetar. Sua capacidade de diferenciar ainda é limitada. Seu poder de pensar e agir com independência é igualmente limitado. Para eles, palavras como estas dificilmente fariam mais sentido do que se fossem ditas a um animal. Não teriam significado para eles. E existem outros seres humanos cuja consciência já está muito mais desenvolvida. Eles sabem muito bem que têm o poder de escolher, criar e afetar. São responsáveis por si mesmos e respondem por suas decisões de pensar de uma maneira e não de outra. Para eles, estas palavras fazem sentido, são uma inspiração e um estímulo. É claro que há também muitos graus de consciência entre essas duas categorias nos dois pólos opostos.

No entanto, até o ser humano cuja consciência é menos desenvolvida sabe que existe. Ele sabe que tem necessidades e pode, até certo ponto, descobrir como preencher essas necessidades. Ele sabe que pode agir. Talvez ele tenha um alcance, um poder de afetar menores que os de um ser humano mais desenvolvido, porém mesmo assim há uma enorme diferença entre ele e o estado mais desenvolvido de consciência animal. Neste, pode existir um certo despertar do poder de raciocínio, mas a autoconsciência, no sentido de que falei, está totalmente ausente.

O estado humano de autoconsciência vive em sua dimensão de tempo, criada pelo próprio eu. Assim, a noção de passado, presente e futuro desperta na mente humana, mas não existe nos estados inferiores de consciência.

Como em muitas áreas de desenvolvimento, há uma semelhança entre o ponto mais baixo e mais alto da curva, que neste caso é o estado de ser. A matéria inanimada, os minerais, as plantas e os animais não vivem no tempo. Eles existem em um estado de ser sem tempo, mas não têm autoconsciência, autodeterminação, uma iniciativa auto propulsora. O estado humano de consciência existe no tempo. Portanto, não é um estado de ser, e sim um estado de vir a ser. Mas já tem plena posse da consciência de si mesmo. No ponto mais alto da curva, voltamos ao estado de ser sem tempo, mas com um alto grau de consciência.

(3) Este é o mais elevado dos três estados. Poderíamos chamá-lo consciência universal, ou talvez consciência cósmica. Está além do estado humano. Nesse estado, tudo é um, não existe separação. Nesse estado de consciência, tudo é conhecido. O eu mais íntimo é conhecido, o próprio eu-Deus é conhecido. O eu-Deus da entidade pessoal, bem como o de outras entidades, é conhecido. A verdade do ser é conhecida. Nesse estado de consciência, você vive em um estado de ser. Mas nesse nível de desenvolvimento, o estado de ser ultrapassa a autoconsciência; ele atinge a consciência universal. Dito de outro modo, e talvez mais exatamente: o eu se reconhece como existindo em tudo que existe.

Se vocês refletirem e meditarem sobre o significado mais profundo desses três estados, verão muita coisa e entenderão muito mais sobre a vida maior da qual vocês fazem parte. O estado de ser “inocente” somente pode existir na pureza. A pureza pode existir naquele que ainda está cegamente não perceptivo, não consciente, impotente – ou naquele que readquiriu o estado de inocência mediante a trabalhosa descida e simultânea ascensão da autopurificação. Nesse momento, o poder pode fundir-se com o estado atemporal do eterno agora.

Existe uma ordenação auto protetora na falta de consciência da potência inata da consciência enquanto a alma não está purificada. Como todos podem observar claramente no caminho, esse poder aumenta na proporção exata da capacidade de ser verdadeiro consigo mesmo e com os outros. Se vocês puderem ter ciência do poder de criar enquanto abrigam uma intenção malévola, poderão causar devastação, danos e destruição em grau muito maior do que o que existe agora para fins do princípio de auto-ativação, em que o resultado negativo passa a ser o remédio. Por mais injusta que uma manifestação maligna possa parecer agora para vocês, ela só tem essa aparência porque no seu estado limitado, preso ao tempo, vocês não conhecem as ligações. Se conhecessem, veriam que todas as manifestações negativas, por mais cruéis ou injustas que possam parecer, são remédios que vocês mesmos criaram com a finalidade de atingir a purificação final e o contentamento final. Ora, o mal não destrói e não pode destruir – somente por algum tempo e dentro do marco do que acabei de mencionar. Se a consciência pudesse se expandir sem a simultânea expansão dos agentes de purificação, o mal poderia destruir o divino. Assim, como mecanismo protetor incorporado, a negatividade fecha os órgãos da percepção: instalam-se a cegueira, a surdez, o mutismo, o entorpecimento. A única maneira de sair desse estado de ignorância, limitação, impotência, de separação do núcleo onde existe a vida que tudo conecta, é a tentativa sistemática de conhecerem a si mesmos como são agora – não de conhecer o universo ou qualquer coisa que esteja fora de vocês. Isso vem mais tarde – e gratuitamente, por assim dizer. Concentrar-se nisso seria perseguir uma ilusão. Conhecer a si mesmo é um processo lento e gradual. Não exige de vocês um feito impossível. Apenas requer de vocês aquilo que de fato é possível, lidar com algo que está bem diante de seus olhos, bastando que queiram ver. Vocês podem usar ao máximo a vontade e o propósito de descobrir o que deveriam saber sobre si mesmos em cada passo do caminho. Não existe nenhuma fração de tempo na vida de vocês, meus amigos, em que isso não seja possível. Podem estar certos de que, quando se encontram em desarmonia, vocês não estão tão conscientes quanto poderiam estar. Tornar-se mais consciente requer, muitas vezes, uma intensa atividade de tatear e buscar. E isso é, na verdade, parte da tarefa de vida de vocês. Com frequência, vocês olham na direção errada em busca da explicação da desarmonia atual. De fato, muitas vezes vocês resistem por medo de descobrirem algo muito “pior” do que na realidade existe. A única forma de descobrir é ter a coragem e a determinação de ir até o fim, sempre.

O estado de desarmonia, o estado de ansiedade, o estado de infelicidade, o estado de depressão, o estado de desassossego, medo e dor (dor negativa, contraída) são sempre um reflexo de algo que vocês já poderiam saber agora, mas preferiram – sim, literalmente preferiram – não saber. Essa escolha gera um campo de energia negativa muito potente. O caminho de vocês ajuda a desativar esses campos de energia negativa, ao alterar o conteúdo de consciência deles. O primeiro passo vital, nesse caso, seria transformar o “eu não quero saber” em “quero saber” e ir até o fim. Vocês podem proporcionar a si mesmos essa descoberta.

Nas etapas preliminares do desenvolvimento evolucionário, os pontos cegos em relação ao eu precisam ser eliminados, para que o eu consiga encontrar as respostas sobre si mesmo. Enquanto vocês não souberem o que escolhem, o que pensam, o que sentem, do que precisam, o que desejam, não poderão despertar para um estado mais elevado. Depois que souberem, vocês já aumentaram até certo ponto o poder de alterar o que é destrutivo e indesejável.

No decorrer do caminho, chega um momento em que vocês se conhecem razoavelmente bem, mas ainda não estão sempre efetivamente cientes dos outros. Assim, vocês procedem com tentativas em relação à manifestação dos outros. Por estarem cegos quanto à negatividade do outro ou à natureza exata dessa negatividade, muitas vezes vocês se perdem, confusos e perturbados. Se prosseguirem com o trabalho honesto, chegarão a uma percepção clara dos outros. Isso lhes proporcionará paz e mostrará o caminho para lidar com a situação. Ao longo do caminho, vocês vão descobrir novos aspectos, muitas vezes muito positivos, de si mesmos. Em muitos casos, somente uma crise com outras pessoas é capaz de trazer à tona esses aspectos até então ignorados.

A primeira fase, nesse aspecto, é puramente de auto-exploração. A segunda fase (que muitas vezes se sobrepõe à primeira) passa a abranger o conhecimento dos outros. A terceira fase leva ao conhecimento universal, além do estado humano. Esse é a progressão natural do caminho. Quando eu digo conhecimento, meus amigos, lembrem-se de que há diferentes maneiras de interpretar essa palavra. Vocês podem ter conhecimento no plano puramente mecânico. Esse conhecimento não é *insight*, sabedoria, verdadeira percepção. Não lhes dá a sensação de maravilhamento e espanto, não os enche de paz e alegria. É conhecimento, seco, separado. Estou falando de um tipo diferente de conhecimento, onde ocorre uma espécie de compreensão que reúne o entendimento fragmentado. É um conhecimento profundo e de sentimento, que de fato proporciona paz e alegria, espanto e entusiasmo. Vocês são tomados por uma revelação que elimina toda dissensão. De alguma forma, vocês passam a sentir e a se relacionar de uma nova maneira. Mas isso só acontece muito mais tarde neste caminho, meus amigos. A princípio, apenas ocasionalmente vocês vão sentir os primórdios desse conhecimento. Ele se manifesta muito mais quando, por exemplo, vocês exercem a função de *helper*.

Quanto mais vocês se expandirem, mais serão tomados por esse tipo de conhecimento. E à medida que isso acontece, pouco a pouco, ocorre o conhecimento cósmico. Ele provém de algo lá no fundo de vocês. Transcende o pessoal. É atemporal e proporciona a vocês uma profunda percepção da vida permanente, sempre presente que são vocês e que é tudo. Com isso vocês sentirão uma alegria, paz, segurança e gratidão indescritíveis pelo que existe. Essa percepção, meus amigos, precisa ser conquistada. Não se pode desejar atingir diretamente a consciência cósmica. Ela é o estado final da autoconsciência expandida que vocês cultivam num caminho como este.

O que eu lhes disse nesta palestra tem a intenção específica de torná-los cientes da potência dos seus pensamentos, da potência de cada pensamento que vocês decidirem pensar, de cada atitude que decidirem tomar. O pensamento criará experiências e respostas e também criará dentro de vocês – criará ou um novo campo de energia, ou fortalecerá, reafirmará e consolidará um campo já existente, dependendo do pensamento ou intenção serem novos ou a repetição dos antigos. Evidentemente, as duas alternativas se aplicam a campos de energia reais ou falsos, construtivos ou destrutivos. Quando vocês estiverem realmente conscientes dessa potência, ficarão mais responsáveis e mais capazes de criar. Vocês estarão mais próximos do estado em que sabem que a consciência de Deus está em tudo. O ego apenas decide que rumo tomar. Neste exato momento, na mente pensante de

vocês existe o potencial de expressar a consciência de Deus de qualquer maneira que vocês quiserem. E quando vocês sentem de maneira negativa, não deixem de descobrir o que gerou isso e como isso foi gerado.

Todos vocês podem descobrir a verdade do poder da sua consciência ao assumirem agora, mais uma vez, o compromisso de serem verdadeiros consigo mesmo nas suas atividades diárias, nas reações que tiverem, nas experiências que deixam vocês perplexos, confusos ou perturbados. Quando sentirem resistência, admitam a resistência em vez de passar por cima dela, como podem ser tentados a fazer. Sigam essa linha, a despeito da resistência. Tenham fé na verdade. Cada vez mais, vocês se tornarão livres e jubilosos, livrando-se das algemas a que ainda mantêm vocês em um estado inferior ao que poderiam estar por direito. Assumam o compromisso com a verdade em todas as situações possíveis, em relação a todos os episódios concebíveis.

Com esta mensagem e esta recomendação, abençôo a todos com profundo amor. O amor do universo para todos vocês, meus amigos muito amados. Fiquem em paz.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.